

## Sentimento e Política no futebol alemão – construções da “Nação” em 1990 e 2006

Elcio Loureiro Cornelsen

Faculdade de Letras da UFMG

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2

Bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG

### Introdução: sentimento, política e futebol

A questão central que se lança num estudo sobre sentimento, política e futebol é: em que medida o esporte em geral influencia nossa cultura, e vice-versa? De modo sucinto, podemos afirmar que essa influência mútua pode ser constatada desde os primórdios da cultura do esporte até nossos dias, em que megaeventos esportivos são realizados. Basta lembrarmos, por exemplo, dos Jogos Olímpicos tanto na Grécia Antiga, quanto na Era Moderna, não obstante as inúmeras variações entre esses dois momentos da história do esporte mundial. De acordo com o historiador Wolfgang Behringer, o efeito massivo dos jogos sobre o público, bem como a atração pelos atletas permanece a mesma.<sup>1</sup> Seriam inúmeros os exemplos dessa relação mútua, entre eles, a fixação de um calendário específico para a realização dos Jogos, e também a própria cultura arquitetônica para o âmbito esportivo, lembrando que o estádio é uma invenção da Grécia Antiga.

Ao abordar a relação do esporte com a sociedade, o historiador Daniel Küchenmeister e o jornalista Thomas Schneider ressaltam o papel sociohistórico que o esporte sempre assumiu, o qual podemos atribuir especificamente ao âmbito do futebol. Segundo os autores, “o esporte é e sempre foi imagem e motor de processos sociais, bem como fator de formação cultural”.<sup>2</sup> Küchenmeister e Schneider reconhecem que, “embora o esporte tenha vivenciado diversas manifestações nas distintas fases de seu desenvolvimento, ele sempre estabelece relações complexas de ordem política, econômica, social e cultural”.<sup>3</sup>

Por sua vez, a relação entre esporte e política pode ser notada ainda hoje nos estádios. Em megaeventos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol, políticos procuram estar presentes nos estádios e desfrutar bons momentos de suas equipes, no sentido de construir sua própria imagem. A política se faz presente também através das estruturas de monopólio no âmbito esportivo, garantidas por instituições como a FIFA – *Fédération Internationale de Football Association* e o IOC – *International Olympic Committee*. A influência política dessas instituições, muitas vezes, fere os direitos dos próprios Estados nacionais em que megaeventos esportivos são realizados. E isso se estabelece nos mínimos detalhes, por exemplo, quando são determinadas quais bebidas poderão ser comercializadas nas proximidades dos estádios. Nesse sentido, em tempos de

globalização, política e marketing caminham de mãos dadas para tirarem proveito – muitas vezes, de maneira nada lisonjeira – do esporte em geral, e o futebol não está imune a isso.

A ideia de “Nação”, no sentido empregado por Benedict Anderson ao defini-la como uma “comunidade imaginada” (*imagined community*),<sup>4</sup> é notadamente ativada em megaeventos esportivos, lembrando que nada contribui mais para a formação de um sentimento de comunidade, e nada influencia mais o estado de ânimo do que megaeventos como o Campeonato Mundial de Futebol. Pois, como afirma Dirk Schümer, “[q]uanto mais anônimas e conciliatórias são todas as instâncias que intervêm na vida do indivíduo, tanto mais o esporte enquanto ritual de massa assume a função de instituir a comunidade”.<sup>5</sup> De acordo com Freud, “nós já supomos que a ligação mútua de indivíduos nas massas é da natureza de uma tal identificação através de uma coletividade afetiva importante”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, Scheuble e Wehner lembram-nos de que frases como “Você é Alemanha!” (*Du bist Deutschland!*), “Nós somos Papa!” (*Wir sind Papst!*), “Nós somos Copa do Mundo e alguém de novo!” (*Wir sind WM und wieder wer!*) sugerem o sentimento de coesão e pertencimento nacional.<sup>7</sup> Apelos dessa natureza suprimem distinções sociais e políticas e constroem um sentimento de unidade. Sobretudo em tempos de insegurança e de transformação econômica, política e social cresce a identificação com a própria Nação. Desse modo, Nação e identidade nacional tornam-se elementos de vínculo à sociedade em transformação. Como afirma Freud, “[s]e os indivíduos estão unidos na massa tornando-se uma unidade, então deve haver algo que os une uns aos outros, e esse elo de ligação poderia ser aquilo o que é característico para a massa”.<sup>8</sup> Neste caso, o evento esportivo proporcionaria esse momento de se externar as emoções e de construir um sentido de comunidade sedimentada por laços identitários. Aliás, Christophe Prochasson lembra-nos também de que “a política se faz com um conjunto de signos que conclamam os reflexos identitários, não passando somente pelo reconhecimento das opiniões demandadas, ou só pelo teor ideológico do discurso”.<sup>9</sup>

Além disso, como bem apontam Verena Scheuble e Michael Wehner, o efeito político do futebol pode ser constatado pela vitória da seleção alemã no Campeonato Mundial de 1954, na Suíça. A euforia nas comemorações do chamado “Milagre de Berna” (*Wunder von Bern*) pôde relativizar, momentaneamente, a posição da Alemanha à margem da comunidade das nações, aliás, justamente no primeiro evento no âmbito internacional em que o país participava após 1945.<sup>10</sup> Pois eventos esportivos, e em especial o futebol, oferecem uma tela apropriada de projeção para mudanças políticas e sociais no modo de lidar com a ideia de “Nação”. Num artigo publicado em

1978, na revista *Der Spiegel*, às vésperas da Copa realizada na Argentina, Helmuth Kasarek se referiu ao triunfo de 1954 como “momento de nascimento da Nação do futebol”: “O ano mágico em que esta nação do futebol nasceu, foi o ano de 1954. Naquela época, quando a consciência nacional alemã, oficialmente, ainda era silenciada nas transmissões, as pessoas puderam, pela primeira vez, comemorar novamente a plenos pulmões uma ‘vitória’ alemã”.<sup>11</sup> Além disso, Kasarek ressalta esse aspecto por entender que, já em 1978, isso se daria num âmbito cultural que não ofereceria maiores questionamentos:

O gramado do futebol revelou-se como campo ideal de transferência de paixões nacionais. Aqui, a comemoração, o desfraldar das bandeiras, o coro dos torcedores com seus gritos nunca corriam perigo de incorrer nos velhos erros alemães. Pois, em primeiro lugar, os outros também gritam da mesma maneira. E, em segundo, trata-se de algo inofensivo e sem consequências, que se encerra após dois tempos de quarenta e cinco minutos, cuja ruminação orgulhosa e constante, ao final, não ameaça ninguém.<sup>12</sup>

É interessante notar que esse tipo de argumentação, de 1978, é semelhante aos comentários e justificativas atuais sobre o “novo patriotismo” (*neuer Patriotismus*) oriundo do contexto da Copa de 2006, sobre o qual versaremos a seguir.

Já a relação entre esporte e sentimento se estabelece de forma ampla e, inegavelmente, influencia o âmbito cultural de uma dada sociedade. Christophe Prochasson chama a atenção para o fato de que “as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural”.<sup>13</sup> E segundo Freud, “o mais notável e, ao mesmo tempo, mais importante fenômeno da formação de massas é, pois, a intensificação da afetividade provocada em cada indivíduo (*exaltation or intensification of emotion*)”.<sup>14</sup> Ao ressaltar a relevância das emoções no âmbito esportivo, Behringer aponta para o fato de que a fascinação pelo futebol vai do sentido do torcedor se ver e vibrar como parte de uma comunidade, até a própria prática do esporte. Para o historiador, teorias que defendem a tese de que o futebol reflete a sociedade industrializada são por demais simplistas, pois não dão justamente a devida dimensão a essa relação entre esporte e sentimento, sempre presente desde os primórdios.<sup>15</sup> E a relação emocional da população para com a Nação tem o poder de elevar o sentimento de auto-estima. Portanto, o plano emocional de uma partida de futebol é o veículo apropriado de modelos de identidade nacional. E Dietrich-Schulze Marmeling chama a atenção para o fato de que, desde 1930, o caráter de disputa nacional fez-se presente no âmbito do futebol: “A primeira Copa do Mundo de Futebol mudou o

clima no futebol mundial. O torneio reforçou o nacionalismo desportivo, fato que elevou o nível de atração da competição”.<sup>16</sup>

Devemos levar em conta também o fato de que o ato de torcer em estádios, pensados aqui no âmbito nacional, suprime diferenças sociais ou políticas, mesmo que por apenas noventa minutos. Por assim dizer, como ressaltam Scheuble e Wehner, os torcedores se tornam uma *imagined community*, que se orienta pelos mesmos valores – p. ex., o prazer no futebol – e objetivos – p.ex., a vitória da equipe.<sup>17</sup> No mesmo sentido, o cientista político Hans-Georg Ehrhart argumenta que “o futebol tem muito a ver com a identidade. Costuma-se ser torcedor de uma equipe ou de outra. E justamente modalidades esportivas por equipe transmitem um forte senso para o comportamento de grupo de modo exclusivo”.<sup>18</sup> Segundo David Azoubel Neto, “[p]ara o indivíduo pertencer ao grupo, deve ceder a este uma parte do seu narcisismo: empresta-o parcialmente e recebe em troca uma espécie de nacionalidade, de grupalidade, ou seja, propriedade e popularidade”.<sup>19</sup> Independente de sua origem, o indivíduo é integrado na comunidade de torcedores e vivencia, assim, o plano emocional que o futebol oferece enquanto veículo adequado para transmitir modelos de identidade nacional, seja na execução dos hinos nacionais, cantados com fervor e emoção, seja exibindo as cores de sua seleção e desfaldando suas bandeiras na arquibancada. Aliás, campos e estádios de futebol podem se tornar “lugares de memória”,<sup>20</sup> na concepção empregada pelo historiador Pierre Nora, pois materializam momentos e mitos nacionais memoráveis. Pensemos aqui, no contexto do futebol brasileiro, em dois momentos distintos: o da Copa de 1950, em que o Estádio do Maracanã foi palco da maior tragédia nacional; o da Copa de 1970, em que o Estádio Azteca, na cidade do México, se tornou o local de celebração de uma vitória significativa para o futebol brasileiro e elevou a Seleção Canarinho a modelo de futebol objetivo e, ao mesmo tempo, impecável tecnicamente.

A seguir, após uma breve apresentação da história do Futebol Alemão, abordaremos a relação entre futebol, política e sentimento nos âmbitos das Copas do Mundo de 1990 e, respectivamente, de 2006, por entendermos que esses dois eventos esportivos foram decisivos para o surgimento de um novo patriotismo alemão após o término da “Guerra Fria”.

#### O Futebol Alemão – de suas origens ao final dos anos 1980

Assim como o Brasil, a Alemanha é um país do futebol. No período do Império Alemão, por volta de 1870, o futebol foi trazido da Inglaterra como nova forma de cultura do corpo. Até então,

predominava o chamado *Turnbewegung* (“Movimento pela Ginástica”), que havia surgido na primeira metade do século XIX como forma de aprimoramento físico e de disciplina, em que se valorizava a prática coletiva da ginástica.<sup>21</sup> Mas, pouco a pouco, o futebol foi ganhando espaço. Em 1874, na cidade de Braunschweig, o futebol passou a ser praticado como atividade escolar, introduzida por Konrad Koch e August Hermann, professores que já admiravam o esporte bretão.<sup>22</sup> Em 1900, foi fundada a DFB – *Deutscher Fußball-Bund* (“Federação Alemã de Futebol”). Atualmente, a organização conta com mais de seis milhões de associados em mais de 26.000 clubes, figurando como a maior federação de futebol do mundo.<sup>23</sup>

Podemos notar outras semelhanças entre o Brasil e a Alemanha, quando o assunto é a origem do futebol. Pois assim como se deu em nosso país, em que o futebol chegou pelas mãos e pés de pioneiros como Charles Miller e Oscar Cox, que ficaram conhecendo o futebol ao estudarem em colégios britânicos e suíços em que já se praticava esse esporte, na Alemanha o futebol teve origens semelhantes. O futebol floresceu em cidades como Karlsruhe, Munique e Berlim, onde se mantinha laços estreitos com a Inglaterra, sobretudo através de universidades, escolas, ou mesmo no âmbito profissional.<sup>24</sup> Não é por acaso que, assim como ocorreu no Brasil, o futebol se expandiu, sobretudo, nas camadas abastadas da sociedade, e só se tornou um esporte de massa décadas depois, quando despertou também o interesse da classe trabalhadora. Aliás, como bem aponta o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, os dois países conheceram processos semelhantes na transformação do futebol de esporte de elite a “preferência nacional”:

[...] O esporte mais popular do Brasil e da Alemanha foi trazido por estrangeiros e para a diversão de uma elite branca, de classe média alta e urbana. Ao contrário do atletismo, da natação, da ginástica coletiva, das corridas de cavalo ou do remo (esportes de sucesso na época), o futebol era apenas um entretenimento dos finais de semana ou campeonatos restritos para alegrar e exercitar amadores. Demorou décadas para aceitar jogadores descendentes de escravos e mestiços em geral em seus times com nomes ingleses, no caso do Brasil ou a reconhecer o mérito de trabalhadores com nomes eslavizados nos times do Ruhrgebiet e da Baviera. [...] Em suma, a bela e heróica história do futebol em ambos os países é, claramente, um episódio das lutas da história social, da inclusão social e étnica, da consolidação da cidadania.<sup>25</sup>

Para entendermos a força do futebol na Alemanha enquanto elemento que tem o poder de despertar sentimentos e de contribuir para a formação identitária do país, devemos considerar justamente essa passagem do futebol de elite para a fase de popularização, sobretudo a partir da década de 1920. No espaço do presente artigo, não temos condições de um detalhamento da rica

história desse esporte, mas, a seguir, procuraremos apontar os principais aspectos que contribuíram decisivamente para sua consolidação.

As semelhanças da história do futebol alemão com a história do futebol no Brasil não param por aí: com a rápida popularização do esporte nos anos 1920, o ideal de amadorismo foi dando lugar ao futebol remunerado, à medida que interesses comerciais foram se impondo. Começaram a surgir os primeiros ídolos, e algumas equipes se destacaram, como o Schalke 04, da região industrializada do Ruhr, ainda hoje um dos clubes mais populares da Alemanha.

Sem dúvida, a primeira apropriação programática do futebol pela política no âmbito alemão se deu com a ascensão do nazismo ao poder, com a nomeação de Hitler para chanceler do Reich em 30 de janeiro de 1933. Assim como as demais modalidades esportivas, o futebol foi apropriado para fins de propaganda política e ideológica, e a Olimpíada de 1936 em Berlim deveria se tornar palco para a “afirmação de superioridade da raça ariana”.<sup>26</sup> Nunca o ideal olímpico resgatado por Pierre de Coubertin foi tão deturpado e abusado até as últimas consequências como naquelas duas semanas de 1936.<sup>27</sup> Contudo, o desempenho de um atleta negro frustrou as ambições da cúpula nazista: o velocista norte-americano Jesse Owens obteve quatro medalhas de ouro e se tornou o grande nome daqueles Jogos.<sup>28</sup> No futebol olímpico, o fiasco também foi grande: no dia 07 de agosto de 1936, num *Olympiastadion* tomado por mais de 50.000 torcedores, a seleção alemã sucumbiu diante da Noruega, na presença de Hitler, pelo placar de 2 x 0, fazendo com que o ditador deixasse o estádio rapidamente e nunca mais assistisse a outro jogo de futebol.<sup>29</sup> E dois anos mais tarde, na Copa do Mundo de Futebol, na França, o fracasso voltou a se repetir: nova derrota e desclassificação, desta vez para a Suíça pelo placar de 4 x 2.<sup>30</sup>

Pela própria natureza da política nazista, nenhum âmbito esportivo escapou às suas pretensões totalitárias e, portanto, nem mesmo o futebol. Isso se refletiu já em 1933 através de medidas de intervenção na estrutura organizacional da Federação Alemã de Futebol. A partir daquele ano, esportistas alemães de origem judaica foram sendo gradativamente excluídos dos clubes, dentro do processo de política antissemita propagada pelo regime.<sup>31</sup> Ao longo dos anos, intensificou-se também a interferência direta nas decisões que envolviam a seleção alemã. Um exemplo de tal interferência foi a exigência feita em 1938 ao então técnico Sepp Herberger de integrar jogadores austríacos à seleção, justamente após a *Anschluss* (Anexação) da Áustria, ocorrida em 13 de março daquele ano. A falta de entrosamento e a diversidade na própria prática do futebol fizeram com que o desempenho da equipe no Mundial da França fosse desastroso.<sup>32</sup> Durante

a guerra, a seleção alemã disputaria partidas apenas contra países aliados. Não obstante esse fato, a popularidade do futebol na Alemanha continuou a crescer.

Sem dúvida, os horrores da guerra e a política nazista de aniquilação, materializada no Holocausto, fizeram com que o recomeço a partir de maio de 1945, após doze anos funestos do “Terceiro Reich”, num país concreta e moralmente em escombros, fosse de grande dificuldade. No caso do futebol, a Federação Alemã foi imediatamente excluída da FIFA, e só voltou a ser reintegrada cinco anos mais tarde.

Com a ocupação do país por tropas aliadas e a consequente divisão do território em blocos, que culminou com a fundação da República Federal da Alemanha (*Bundesrepublik Deutschland*; Alemanha Ocidental; RFA) em maio de 1949 e, respectivamente, com a fundação da República Democrática Alemã (*Deutsche Demokratische Republik*; Alemanha Oriental; RDA) em outubro de 1949, o futebol também tomou rumos distintos de acordo com as políticas de cada um dos países, baseadas nas ideologias defendidas e propagadas por seus respectivos aliados.

Na Alemanha Ocidental, o futebol foi sendo gradativamente organizado e os antigos campeonatos, retomados. O profissionalismo, entretanto, existente não de modo oficial desde a década de 1920 com pagamento de prêmios aos jogadores, só seria oficializado a partir de 1963 com a criação da *Bundesliga*, o Campeonato Alemão. Durante a “Guerra Fria”, o futebol na República Federal da Alemanha continuou atraindo um grande público aos estádios e conheceu momentos de glória com a seleção nacional, como as duas conquistas mundiais em 1954 e, respectivamente, 1974, o vice-campeonato na Copa de 1966, numa final polêmica contra a anfitriã Inglaterra, e o terceiro lugar no Mundial do México, em 1970.

Um desses triunfos mereceria no espaço deste estudo um capítulo à parte. Todavia, poderemos versar apenas algumas linhas sobre ele: a conquista do primeiro campeonato mundial em 1954, na Suíça. Para a nossa temática – futebol, política e sentimento – é inquestionável o significado dessa conquista, em mais de um sentido: pela primeira vez após o final da guerra a Alemanha conquistava um título num evento esportivo de âmbito mundial, como uma espécie de reintegração na comunidade das nações; o público alemão procurou acompanhar os jogos da seleção pelo rádio e pela TV (à época, consta que em todo o país havia apenas cerca de 40.000 aparelhos televisores), e pôde ao final comemorar a vitória, sem, entretanto, ter tornado aquele momento como uma expressão efusiva de nacionalismo, pois ainda rondava a sombra do nazismo; por fim, outro significado, sem dúvida, foi o político, que culminou com a criação do mito do chamado “Milagre de Berna” (*Wunder von Bern*).

Hoje, a partir de pesquisas fundadas em materiais e fontes da época, podemos ratificar alguns desses aspectos, bem como relativizar outros. Dias após a vitória na final por 3 a 2, numa virada heróica contra a toda poderosa seleção húngara comandada por Ferenc Puskas, a seleção alemã sob a batuta do capitão Fritz Walter foi recepcionada em Munique por mais de 400.000 pessoas. Uma fotografia que ilustra o artigo de Franz-Josef Brüggemeier, intitulado “Das ‘Fußballwunder’ von 1954” (“O ‘milagre do futebol’ de 1954”), e que traz a legenda “Nationaler Aufschwung? – stürmischer Empfang der deutschen Mannschaft in München am 6. Juli 1954” (“Euforia nacional? – recepção efusiva da seleção alemã em Munique, no dia 6 de julho de 1954”),<sup>33</sup> revela que homens, mulheres e crianças, formando uma multidão, comemoravam o retorno da equipe campeã com fogos e segurando pequenas bandeirinhas que mal podem ser reconhecidas na imagem. Isso resulta da própria dificuldade em se lidar com os símbolos nacionais no pós-guerra, uma vez que estes haviam sido deturpados e utilizados à exaustão durante o período nazista. Para termos a noção disso, basta mencionar o exemplo da própria seleção alemã em seu primeiro jogo oficial do pós-guerra, em 22 de novembro de 1950, realizado na cidade de Stuttgart, contra a seleção da Suíça: ao invés de se executar o hino nacional, decidiu-se fazer um minuto de silêncio.<sup>34</sup>

Já o mito do chamado “Milagre de Berna”, aliás, como todo mito, foi significado e re-significado. A relevância política que se atribuiu à vitória na Copa de 1954 não se estabeleceu de imediato. Naquela final, no dia 04 de julho de 1954, ou mesmo nas partidas das fases anteriores, nem o chanceler Konrad Adenauer, nem o Presidente Theodor Heuss estiveram presentes no estádio. Não houve representação política – o que hoje é muito comum – que tivesse a intenção de explorar o triunfo para a construção da própria imagem. *A posteriori*, chegou-se até mesmo a ser dito que a Alemanha Ocidental, na verdade, teria sido “fundada” como Nação naquele 04 de julho.<sup>35</sup> Entretanto, fato é que sequer a imprensa alemã deu ênfase ao triunfo logo após a final. Levaram alguns dias até que isso fosse feito. Fica a pergunta se a não-exploração imediata da conquista da Copa de 1954 por parte da imprensa alemã se deveu a certo pessimismo por questões de desempenho futebolístico, uma vez que a Alemanha tinha sido arrasada pela Hungria na primeira fase do torneio, perdendo a partida pelo vexatório placar de 8 x 3,<sup>36</sup> ou se foi uma forma de não alimentar certa euforia que poderia recair em velhos modelos de manifestação nacionalista. Em pesquisa recente que realizamos no Arquivo de Jornais Microfilmados, da Freie Universität Berlin, para nossa surpresa, pudemos constatar isso na prática, ao verificarmos que jornais do dia 05 de julho de 1954 faziam menção à conquista, todavia sem maior destaque. O verdadeiro “Milagre de



Berna” sequer foi manchete de capa. A título de exemplo, mencionamos o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, um dos maiores jornais do país, que na edição do dia 05 de julho de 1954, uma segunda-feira, exibe em primeira página uma pequena nota de duas colunas, cada uma com cerca de 15 linhas, e com o título lacônico de “Deutschland ist Fußball-Weltmeister” (“A Alemanha é Campeã Mundial de Futebol”). As manchetes que dominam a mesma página e, por assim dizer, ofuscam a pequena nota, são de caráter político: “Paris ist über Adenauer verstimmt” (“Paris está desgostosa com Adenauer”), que versa sobre uma possível crítica que teria sido feita pelo chanceler alemão ao governo francês, e “Die Grenzen eines Verteidigungs-Gesprächs” (“Os limites de um diálogo de Defesa”), sobre negociações para um Acordo de Defesa no âmbito europeu.<sup>37</sup> Isso nos faz pensar também na dificuldade que deve ter sido lidar com os sentimentos e os símbolos nacionais na Alemanha Ocidental, nas primeiras décadas do pós-guerra, seja por políticos, seja pela imprensa e, sobretudo, pela população.

Por sua vez, a seleção nacional da República Democrática Alemã também alcançou algumas vitórias memoráveis no âmbito do futebol olímpico, mas nada que se compare, por exemplo, ao “Milagre de Berna”. De acordo com Jutta Braun e René Wiese, o esporte foi um caso a parte na história da Alemanha dividida: desde 1968, a RDA tornou-se o “país das maravilhas do esporte” (*Sportwunderland*) em virtude de seu desempenho olímpico, conquistando mais medalhas do que a RFA. Se não era mais bem sucedida nos âmbitos econômico e social, pelo menos no esporte a Alemanha Oriental se sobressaía em relação à Alemanha Ocidental.<sup>38</sup>

O desenvolvimento de uma política de incentivo com o intuito de tornar a RDA uma potência esportiva no âmbito olímpico privilegiava modalidades de alto rendimento, como o atletismo e a natação, pois um número maior de medalhas poderia ser conquistado, enquanto outras modalidades por equipes, como o futebol, implicavam investimentos para a conquista de apenas uma medalha. Desse modo, o futebol não esteve na ordem do dia dessa política implantada na RDA, e isto teve consequências para o baixo desempenho da seleção nas disputas dos Campeonatos Europeu e Mundial de Futebol. Enquanto a Alemanha Ocidental sagrou-se campeã mundial nos anos de 1954 e 1972, vice-campeã em 1966 e terceira colocada em 1970, a Alemanha Oriental não angariou conquistas no âmbito do Mundial da FIFA. Todavia, esta permaneceu sendo a modalidade esportiva mais popular e efetiva na mídia do país.<sup>39</sup> Apenas um jogo isolado tornou-se um mito do esporte nacional: o confronto entre RDA e RFA no antigo *Volksparkstadion*, de Hamburgo, pela primeira fase da Copa de 1974. A partida foi vencida pela Alemanha Oriental pelo placar de 1 x 0, com gol de Jürgen Sparwasser. Na fase seguinte, a seleção oriental seria eliminada pela seleção

brasileira pelo placar de 1 x 0.<sup>40</sup> Todavia, no âmbito olímpico, a Alemanha Oriental angariou conquistas no futebol, chegando ao pódio por quatro vezes: medalha de bronze em Tóquio (1964), novamente bronze em Munique (1972), ouro em Montreal (1976), e prata em Moscou (1980).<sup>41</sup>

Em suma, a divisão do país no pós-guerra impediu, por décadas, a formação de um novo modelo de identidade nacional que abrangesse a todos. Não obstante perspectivas diversas, a memória cultural e o olhar retrospectivo para a história nacional em comum permanecem sempre atrelados ao momento histórico específico do nazismo. Até hoje, mesmo com momentos decisivos como o “milagre econômico” (*Wirtschaftswunder*), a consolidação da Alemanha Ocidental (*Westbindung*), a “Virada” (*Wende*) e a “Reunificação” (*Wiedervereinigung*), a discussão sobre a identidade nacional dos alemães gira, sobretudo, em torno do reconhecimento de culpa em relação ao peso histórico do “Terceiro Reich”, e em torno dos alertas diante de uma consciência nacional exacerbada e ideologicamente de direita. Em virtude disso, Scheuble e Wehner se indagam se não seria, talvez, o modo lúdico de lidar com o sentimento nacional no âmbito do futebol uma importante válvula de escape para se externar sentimentos reprimidos.<sup>42</sup>

#### A reestruturação da “Nação” no contexto da Copa de 1990

Em 1990, A Alemanha Ocidental vivencia dois grandes momentos: um no âmbito do esporte com a conquista do título de Campeão Mundial de Futebol na Itália; outro no âmbito político com o processo da reunificação do país e a consequente “anexação”<sup>43</sup> da então República Democrática Alemã, derrotada econômica e ideologicamente.

De acordo com Ulrich Schlie, o processo de superação da divisão alemã, nos anos de 1989 e 1990, ocorreu num momento em que a maioria dos alemães ocidentais já havia se acostumado à divisão e orientado seus sentimentos para uma “identidade pós-nacional” (*postnationale Identität*).<sup>44</sup> Todavia, o clamor por liberdade, democracia e direitos humanos, mas, sobretudo, por um padrão melhor de vida mobilizaram os cidadãos na Alemanha Oriental e minaram a ditadura sob o poder de Erich Honecker, culminando com a Queda do Muro de Berlim em 09 de novembro de 1989 e, respectivamente, com a reunificação do país em 03 de outubro de 1990.

Além disso, Ulrich Schlie chama a atenção para o fato de que, após 1990, não correu na Alemanha unificada um renascimento do nacionalismo, nem tampouco um distanciamento da Europa. Muito pelo contrário: o reconhecimento de que não só o projeto de “grande Nação”, mas a própria ideia de “Estado nacional” havia fracassado em 1945, e o modo crítico ao se defrontar com

a questão do nacionalismo e a gradativa integração nas instituições democráticas contribuíram para que não ressurgisse a relação entre “Estado” e “Nação” nos antigos moldes.<sup>45</sup>

Para entendermos a complexidade dos processos de reestruturação da “Nação” no contexto da Copa do Mundo de 1990, necessitamos levar em conta também a relação que alemães orientais tinham para com os clubes na Alemanha Ocidental durante a “Guerra Fria”. Não obstante as medidas repressivas do Estado no sentido de impedir toda e qualquer manifestação de cidadãos da RDA como forma de incentivo a clubes ocidentais, isso permaneceu sem efeito. Em jogos de equipes ocidentais contra clubes dos países integrantes do bloco oriental, cidadãos da RDA aproveitavam a oportunidade para demonstrar sua simpatia por tais clubes, por exemplo, ao exibirem faixas com dizeres de apoio nos estádios. Entretanto, com a Queda do Muro de Berlim e o processo de reunificação do país, período que entrou para a história como “Virada” (*Wende*), entre 09 de novembro de 1989 e 03 de outubro de 1990, estabeleceu-se na prática uma abertura que atingiu os clubes e torcedores do lado oriental. Em termos institucionais, a *DFV – Deutscher Fußball-Verband* (“Associação Alemã de Futebol”), da RDA, foi absorvida pela *DFB – Deutscher Fußball-Bund* (“Federação Alemã de Futebol”), da RFA, em novembro de 1990.<sup>46</sup> O ponto alto desse período foi a conquista do título de campeão mundial de futebol pela Alemanha Ocidental, em julho de 1990, na Itália, comemorado tanto por alemães ocidentais quanto por orientais. Apesar de o processo de reunificação ainda estar em curso à época, e a seleção alemã que disputava o Mundial ser composta apenas por jogadores alemães ocidentais, o sentimento da conquista se associou também com as expectativas e esperanças que os alemães na parte oriental e na parte ocidental nutriam em relação ao futuro de seu país unificado. Outro motivo para comemorar, diríamos, mais até que o título no futebol, foi a união monetária ocorrida em 1º de julho de 1990,<sup>47</sup> que introduziu o Marco na parte oriental, antes mesmo de a reunificação política do país ser celebrada. Todavia, naquele momento não se falou de uma euforia provocada pelo futebol, mas sim de uma *Einheits-Euphorie* (“euforia pela unidade”).<sup>48</sup>

Uma semana depois, no dia 8 de julho de 1990, no Estádio Olímpico de Roma, a Alemanha Ocidental, liderada por seu capitão, Lothar Matthäus, sagrou-se tricampeã mundial de futebol contra a seleção argentina, com um magro placar de 1 x 0, através de um gol de pênalti marcado por Andreas Brehme. Diferindo do que ocorreria mais tarde, por ocasião do Mundial em 2006, a grande euforia do momento não veio do âmbito do futebol, mas sim das transformações políticas e econômicas que modificariam ambos os Estados alemães, e mesmo a ordem mundial, decretando o final da “Guerra Fria”. A população alemã, naquele momento histórico, estava feliz e maravilhada

com o processo pacífico com que os Estados alemães e seus respectivos aliados levaram a cabo para tornar possível a reunificação do país. A euforia pela “Virada” e a esperança futura numa nova ordem política, social e econômica apenas foram intensificadas pela conquista do Campeonato Mundial pela seleção alemã. Com isso, a festa de comemoração do título logo após o final da partida tornou-se uma festa pela reunificação da Alemanha. Quanto ao êxito futebolístico, alguns chegaram até mesmo a assumir uma postura arrogante, como é o caso do então treinador da equipe alemã, Franz Beckenbauer, considerado o maior jogador alemão de todos os tempos, ao fazer a seguinte afirmação: “Então, por anos a fio, nós não seremos passíveis de ser batidos, sinto muito pelo resto do mundo”.<sup>49</sup> O tempo provaria que o “Kaiser” estava errado.

Portanto, o triunfo da seleção da Alemanha Ocidental em 1990 foi carregado de emoções diversas, resultantes da relação entre futebol e política. A vitória se deu sete meses após a Queda do Muro de Berlim e em meio às negociações para concretização da reunificação. Todavia, passado algum tempo, essa euforia foi se esvaindo frente aos desafios e, sobretudo, às dificuldades que surgiram de todo o processo. Afinal, foram praticamente quarenta e cinco anos de separação, e não seria possível num curto espaço de tempo não só vencer os desafios no âmbito econômico e político, como também superar diferenças de ordem cultural e ideológica. Por assim dizer, constatou-se que havia ainda um “muro mental” a ser derrubado, num processo que ainda levaria décadas.

Um novo sentimento nacional no contexto da Copa de 2006: um “conto de fadas do futebol”

Um “conto de fadas do futebol” (*Fußballsommärmärchen*): jornalistas e estudiosos alemães costumam utilizar essa expressão para definir a Copa do Mundo FIFA, realizada no país de 09 de junho a 09 de julho de 2006. Em artigo publicado no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, os sociólogos Jürgen Gerhards e Michael Mutz referem-se a esse fenômeno, por exemplo, como um “orgulho nacional light”, em que o “mar de bandeiras nas cores preta, vermelha e dourada”, presente nos estádios quando há jogo da seleção alemã, não significaria, necessariamente, a representação de uma “comunidade patriótica”.<sup>50</sup> Fato é que a manifestação popular no contexto da Copa de 2006 despertou uma série de questões: o novo modo como alemães lidariam com seus símbolos nacionais seria apenas fruto da atmosfera de vibração proporcionada pelo futebol, gerando um clima de festa? Os alemães se sentiriam orgulhosos de si próprios como anfitriões da grande comunidade do futebol mundial, ou mesmo do desempenho da seleção sob o comando do então técnico Jürgen Klinsmann?

Ou a euforia nacional em torno do futebol seria o indício de um novo nacionalismo, numa forma de compensação para a identidade alemã, diretamente afetada por um passado de guerras e atrocidades?<sup>51</sup> Gerhards e Mutz defendem a opinião de que não há motivo para desconfiança em relação à nova consciência nacional despertada através do futebol. Para os sociólogos, o “patriotismo futebolístico” (*Fußballpatriotismus*) dos alemães permanece vinculado ao âmbito do futebol e apenas empresta um pouco suas cores ao orgulho nacional.<sup>52</sup> Isso faz sentido, pois nota-se que, após os eventos e jogos mais significativos, como os jogos eliminatórios, a Copa Europa de Seleções e a Copa do Mundo, tal “patriotismo” se esvai, mas se renova a cada evento.

Por um lado, em termos conceituais, “patriotismo” pode ser um signo de identificação nacional ou mesmo significar uma vida organizada política e economicamente em comunidade, em que a ideia de “Nação” estaria acima de qualquer questionamento. Considera-se, nesse sentido, “patriotismo” como pressuposto para a renovação política e para o crescimento econômico. Por outro lado, “patriotismo” pode representar também um grande perigo, à medida que a consciência nacional é passível de ser usurpada para fins de propaganda política, como foi justamente o que ocorreu no período nazista. No âmbito do esporte, isso se tornou patente tanto nos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados na cidade bávara de Garminsck-Partenkirchen em fevereiro de 1936, quanto nos Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Berlim nas duas primeiras semanas de agosto daquele mesmo ano. De acordo com Peter Kasza, a experiência funesta sob o jugo do nazismo produziu “uma lacuna na consciência alemã. A psique da Nação estava rompida”.<sup>53</sup>

Desde então, conceitos como “patriotismo”, “Nação”, “orgulho nacional” e “identidade nacional” associados à Alemanha conotavam um sentido negativo, tornando-se até mesmo uma espécie de tabu no seio da sociedade do pós-guerra. Associado a esse *status quo* figurou por décadas um sentimento de culpa coletiva, praticamente transmitido de geração a geração.

Portanto, não é por acaso que, até hoje, a identificação de alemães com o seu país se revela como algo polêmico. De certo modo, o esporte é justamente o âmbito cultural que possibilita, mesmo que por pouco tempo, suspender essas questões. Pois na qualidade de fenômeno de massa o esporte pode incentivar a identificação de uma dada sociedade com seu país. Por assim dizer, a sociedade alemã encontrou no esporte e, especificamente, no futebol, a legitimidade de celebrar seu orgulho nacional, reprimido em outras situações e contextos, e demonstrar tal orgulho ao exibir publicamente suas cores.

Nada melhor, portanto, que um evento de grande magnitude como o Campeonato Mundial de Futebol para celebrar essa reabilitação do “orgulho nacional”, o qual se transformou de um

nacionalismo exacerbado e intolerante do passado num patriotismo pacífico. Nesse sentido, o slogan oficial da Copa de 2006 não poderia ter sido mais bem escolhido: “Die Welt zu Gast bei Freunden”,<sup>54</sup> ou seja, “O mundo como hóspede de amigos”.

Nesse sentido, ao considerarem as manifestações da torcida alemã durante a Copa de 2006 como resultados de um “patriotismo festivo” (*Party-Patriotismus*), Küchenmeister e Schneider ressaltam que justamente o esporte proporciona algo dessa natureza:

No esporte, os fundamentos socioculturais da sociedade, seus ideais de valor, modos e redes sociais são permanentemente revitalizados. Além disso, o esporte cria uma série diversificada de oportunidades de se tomar parte em decisões e realizações e, com isso, colabora para a integração social de pessoas menos favorecidas e, por meio de símbolos, rituais e encenações, também para a coesão social (lembramos, por exemplo, do patriotismo festivo com suas bandeirinhas tremulando durante o Mundial de Futebol de 2006). E a demanda por preparação desses recursos cresce em virtude dos desafios sociais na atualidade.<sup>55</sup>

Como não poderia deixar de ser, estudos foram desenvolvidos no intuito de se entender o modo como esse “patriotismo futebolístico” agiu sobre a consciência nacional dos alemães. O resultado de uma pesquisa de opinião, realizada pela agência ALBUS com uma ampla camada da população antes, durante e depois da Copa de 2006, demonstrou que, com o decorrer dos jogos e do sucesso da seleção, se elevou o número daqueles que se diziam estar orgulhosos de serem alemães. E um pouco antes da vitória dramática dos comandados de Jürgen Klinsmann nas quartas de final contra a Argentina, derrotada nos pênaltis por 4 x 2, após um empate de 1 x 1 no tempo regulamentar e na prorrogação, esse número atingiu seu ápice. Todavia, uma semana mais tarde, no dia 04 de julho de 2006, com a derrota para a Itália e a conseqüente desclassificação nas semifinais, aliás, em mais um jogo dramático vencido pela seleção italiana na prorrogação, o clima de patriotismo se esvaiu gradativamente.<sup>56</sup> Constatou-se também que o orgulho nacional alemão antes da Copa permaneceu inalterado após sua realização, e em comparação a outros países, em termos estatísticos, ficou abaixo da média. Nesse sentido, Gerhards e Mutz são categóricos em afirmar que “a longa sombra da história não se deixa impressionar por um breve verão da euforia provocada pelo futebol”.<sup>57</sup> Neste caso, tais manifestações estariam na ordem das “paixões impulsivas”, nas categorias propostas por Tocqueville, ou seja, “paixões passageiras que se extinguem tão rapidamente quanto se acendem”,<sup>58</sup> como frisa Christophe Prochasson.

Nesse sentido, a impressão de que, passada a festa, o “novo patriotismo” haveria se diluído parece espelhar aquilo o que Gustave Le Bon, citado por Freud na obra *Psicologia das massas e*

*análise do Eu* (1921), afirmou: “Há ideias e sentimentos que afloram apenas em indivíduos ligados às massas ou se convertem em ações. A massa psicológica é um ser provisório, constituído de elementos heterogêneos, que se uniram uns com os outros por um momento”.<sup>59</sup>

Quanto à dificuldade de lidar com o nacionalismo e os símbolos nacionais na Alemanha, Hilário Franco Júnior ressaltava os seguintes aspectos:

A exaltação nacionalista que as Copas do Mundo costumam alimentar foi de novo ilustrada pela edição mais recente, na Alemanha, em 2006. A começar pelo país anfitrião. O futebol rompeu o tabu em torno da chamada “grande culpa nazista”, presente mesmo em pequenos dados do cotidiano germânico. Assim como não existem placas de automóveis com letras consideradas suspeitas (por exemplo, HJ, que lembra a Hitler Jugend, a Juventude Hitlerista), qualquer manifestação patriótica era vista até então com desconfiança na Alemanha. A última vez em que as bandeiras nacionais tinham circulado em quantidade fora em 1990, quando da reunificação entre a Alemanha Ocidental e a Oriental. Um mês antes da Copa um sindicato de professores exigiu mesmo a proibição do hino nacional, por julgá-lo de traços nazistas. Mas com o início da competição e as primeiras vitórias o orgulho nacional voltou a se manifestar. Mesmo eliminada na semifinal pela Itália, a seleção foi longamente aplaudida e elogiada pelo seu esforço em bem representar o país. O nacionalismo alemão de certa forma renasceu por intermédio do futebol.<sup>60</sup>

O término da Copa de 2006 na Alemanha significou, ao mesmo tempo, o final de um período de quatro semanas de pura euforia, numa dimensão que dificilmente alguém teria esperado. A satisfação dos alemães com sua seleção nacional e com a vivência em casa de um megaevento foi acompanhada com um inquestionável modo de lidar com as cores nacionais, numa dimensão que não se via mais desde a reunificação do país. Podemos afirmar que a Copa de 2006 foi mais do que um mero megaevento festivo, cuja dinâmica teria sido impulsionada pelo futebol enquanto esporte de massa e arrastado amplas camadas da população. Durante a Copa, estabeleceu-se uma transformação no modo de se lidar com a “Nação”, numa espécie de “novo patriotismo” (*neuer Patriotismus*), como bem define Sascha Schmidt.<sup>61</sup> Entretanto, há uma questão que deve ser colocada: a imagem da Alemanha, produzida pela mídia durante a Copa, de fato, pode ser interpretada como um reflexo da sociedade?

Fato é que a adesão de amplas camadas da população alemã ao “novo patriotismo” e as proporções que a euforia atingiu durante a Copa de 2006 surpreenderam, de modo positivo, os políticos, a mídia e diversos segmentos da vida cultural no país. Seus protagonistas não só vibravam de entusiasmo com os desempenhos da seleção alemã, como também assumiram para si o próprio

sentido de “anfitriões” daquele Mundial, orgulhando-se também de toda a organização do evento. Em termos esportivos, podemos considerar válida a afirmação de Gunter Gebauer, de que o grau de representatividade de um jogo de futebol para a “Nação” depende da paixão que esta – pensada aqui mais uma vez como “comunidade imaginada” – nutre por seus “heróis”, por quem se sente representada. Nesse sentido, Gebauer ressalta que “o herói no futebol é a encarnação dos mitos nacionais. De uma seleção nacional alemã espera-se disposição ao sacrifício, disciplina, aplicação, luta até o apito final”.<sup>62</sup> E isso representa uma via de mão dupla: o que está em jogo não é apenas a apreensão de si, mas também o modo de se externar. Sascha Schmitt aponta, por exemplo, para a imagem criada da Alemanha como “Nação aberta para o mundo e hospitaleira” (*weltoffene und gastfreundliche Nation*).<sup>63</sup> Nesse sentido, Gunter Gebauer chama a atenção para o fato de que “toda sociedade desenvolve representações ideais sobre si próprio. A atividade da imaginação social pertence aos mecanismos que lhe empresta constância num processo de contínua renovação”.<sup>64</sup>

Por sua vez, essa implicação entre o caráter “heróico” de uma seleção e o modo como a “Nação” se vê nela retratada pode ser ilustrada pela letra de uma canção composta por Xavier Naidoo em homenagem aos jogadores, logo após a desclassificação da seleção alemã na semifinal contra a Itália. O texto dessa canção, intitulada “Danke” (“Obrigado”), se constitui de uma série de menções a cada jogador que integrou a equipe naquele Mundial, titulares e reservas, colaborando, assim, para construir esses mitos nacionais de que nos fala Gunter Gebauer. O desempenho do capitão da seleção, Michael Ballak, por exemplo, é aludido no verso “você lutou bravamente” (“*hast hart gekämpft*”), “[o] próximo herói alemão se chama Torsten Frings” (“*Der nächste deutsche Held heißt Torsten Frings*”), Lukas Podolski, “lute com coragem” (“*kämpfe tapfer*”), “Vocês são portadores das dignidades” (“*Ihr seid Träger der Würden*”), “Eu agradeço ao Senhor por vocês todos, honra a quem honra merece” (“*Ich dank' dem Herrn für Euch alle, Ehre wem Ehre gebührt*”).<sup>65</sup>

Outro aspecto a se destacar é o do sentido de “equipe”, discursivamente explorado durante a Copa de 2006, que podemos estender também à sociedade alemã como “Nação”. Isso se reflete, por exemplo, na designação da bola da Copa, chamada de “Teamgeist” (“espírito de equipe”),<sup>66</sup> e o mesmo Xavier Naidoo compôs uma canção que reitera essa ideia em seu refrão: *Was wir alleine nicht schaffen,/Das schaffen wir ganz zusammen./Dazu brauchen wir keinerlei Waffen,/Unsere Waffe nennt sich unser Verstand* (“O que não conseguimos sozinhos,/Conseguimos todos juntos./Para isso não precisamos de armas,/Nossa arma é o nosso intelecto”).<sup>67</sup> O videoclipe dessa canção exhibe trechos montados do filme documentário *Deutschland – ein Sommermärchen* (2006;



“Alemanha – um conto de fadas de verão”), do cineasta Sönke Wortmann, aliás, o mesmo diretor do filme *Das Wunder von Bern* (2004; *O milagre de Berna*). No videoclipe, são exibidas cenas de jogadores da seleção alemã no vestiário, após a derrota contra a Itália, montadas com cenas da banda liderada por Xavier Naidoo, *Die Söhne Mannheims* (“Os filhos de Mannheim”), além de imagens históricas da Queda do Muro de Berlim, estabelecendo, assim, uma ponte entre 1989/1990 e 2006.<sup>68</sup> E após o encerramento da participação alemã na Copa, com a conquista do 3º lugar contra a seleção de Portugal, jogadores, treinador, equipe técnica e o cantor se reuniram num dos locais mais significativos da história alemã – em sentido positivo e negativo –, o Brandenburger Tor (Portal de Brandemburgo), e executaram no palco essa canção diante de dezenas de milhares de pessoas. O Portal, que em 30 de janeiro de 1933 fora cenário para o desfile noturno de tropas das SA, com seus archotes, numa encenação de um ritual de passagem da República de Weimar para o “Terceiro Reich”, e que por décadas teve sua passagem interrompida pelo Muro, agora conhecia outra manifestação, mais precisamente a manifestação de agradecimento mútuo, dos atletas e da comissão técnica exibindo, alias, camisetas com a palavra “Danke”, estilizada nas cores da bandeira alemã, e da “Nação” diante de seus “heróis”, vibrando e exibindo suas bandeiras com grande euforia.<sup>69</sup> Pois, mesmo falando não propriamente do jogo, mas do entorno de sua encenação, como bem aponta Gunter Gebauer, “hoje em dia, o futebol é um lugar da crença e dos cultos. Organizar uma Copa do Mundo de Futebol significa criar um espaço de veneração e de imaginação. Na Copa do Mundo, através do futebol, pode-se ter fé na própria Nação sem complexos”.<sup>70</sup>

### Considerações Finais

Para encerrarmos nosso breve estudo, tornamos nossas as palavras de Eckhard Fuhr, redator-chefe dos jornais *Die Welt* e *Berliner Morgenpost*: “os alemães, para dizer de um modo bem simplório, nesse ínterim, conseguem se arranjar muito bem com essa pátria ‘difícil’”.<sup>71</sup> Uma nova consciência nacional foi gerada nos últimos 20 anos, com o final da “Guerra Fria” e a reunificação da Alemanha. O que se testemunhou na Copa de 2006 foi justamente o momento que tal consciência aflorou de modo coletivo, tendo como palco um megaevento promovido para ser uma vitrine da “Nação” no início do novo Milênio.

Em 1990, isso ainda não fora possível. O processo de reunificação do país estava em franco desenvolvimento. Não obstante as comemorações efusivas e a alegria em todas as partes do país, que culminou, aliás, com um recorde de vendas de bandeiras alemãs, o triunfo da seleção da

Alemanha Ocidental na Copa de 1990 intensificou, por assim dizer, a euforia pela perspectiva de reunificação do país após longo tempo de separação. Além disso, o futebol sozinho, naquele momento e posteriormente, não foi capaz de contribuir para que o “muro mental” ainda existente em vários segmentos da sociedade alemã fosse derrubado, algo que ainda demandaria tempo.

Nesse sentido, em 2006, o futebol, em termos de esportes, uma preferência nacional entre os alemães, revelou-se como elemento apropriado para a mobilização e a construção de uma nova imagem de si que penetrou na consciência coletiva através de mecanismos que despertam e alimentam emoções. Sem dúvida, o esporte como fenômeno de massa pode contribuir para a formação identitária, promovendo “emoções coletivas” que, de acordo com Christophe Porchasson, “parecem, então, fundar um vínculo entre os indivíduos”.<sup>72</sup> Isso possibilitou o surgimento de modos de construção de uma nova identidade nacional, não mais pautada no modelo ultrapassado de “Estado-Nação”, mas sim de uma “Nação” que se compreende como parte de uma nova ordem europeia e global e, ao mesmo tempo, que aprendeu a lidar crítica e abertamente com o seu fardo histórico.

Inegavelmente, a reunificação do país colocou novos desafios e abriu novas perspectivas. Temas que eram considerados tabus passaram a ser discutidos pelas novas gerações, que nasceram sem a carga ideológica da chamada “Guerra Fria”. A população demonstrou ter aprendido a lidar de modo descontraído e festivo com seus símbolos e sentimentos nacionais, como um fenômeno que veio “de baixo”, sem a orquestração estatal ou mesmo como algo “espetacularizado” pela intervenção da mídia. Mais do que mero êxtase diante da festa mundial do futebol e do desempenho de sua seleção, foi despertada a consciência da “Nação” para si. O “novo patriotismo” da Copa de 2006, por assim dizer, foi uma forma de expressão do encontro da “Nação” consigo mesma.

## Notas

<sup>1</sup> KÖHLER, Oliver. Sport und seine Bedeutung. Ein Interview mit Dr. Wolfgang Behringer. In: *Fluter. Magazin der Bundeszentrale für politische Bildung* (02 Jul. 2012). In: <http://www.fluter.de/de/113/thema/10547/>; acesso em: 10 Ago, 2012. Wolfgang Behringer é autor da obra *Kulturgeschichte des Sports. Vom antiken Olympia bis ins 21. Jahrhundert* (München: C. H. Beck, 2012, 494 p.).

<sup>2</sup> No original: „Sport ist und war zu allen Zeiten Abbild und Motor gesellschaftlicher Prozesse sowie Kultur bildender Faktor, [...]“. In: KÜCHENMEISTER, Daniel; SCHNEIDER, Thomas. Sport ist Teilhabe! *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*. Bonn, 16-19/2011, 18 Abr. 2011, p. 3. Todas as traduções ao longo do presente artigo, salvo outra indicação, são de nossa autoria.

<sup>3</sup> No original: „[...] wobei er in den verschiedenen Phasen seiner Entwicklung unterschiedliche Ausprägungen erfahren hat, aber immer in wechselseitiger Beziehung zu den komplexen politischen, ökonomischen, sozialen, gesellschaftlichen und kulturellen Verhältnissen steht. [...]“. In: KÜCHENMEISTER, Daniel; SCHNEIDER, Thomas. Sport ist Teilhabe!, p. 3.

<sup>4</sup> ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London: New Left Books, 2006, p. 7.

<sup>5</sup> No original: „Je anonymer und vermittelter alle Instanzen sind, die in das Leben der einzelnen eingreifen, desto mehr übernimmt der Sport als Massenritual die Funktion, Gemeinschaft zu stiften.“ In: p. SCHÜMER, Dirk. *Gott ist rund: die Kultur des Fußballs*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1996, p. 262.

<sup>6</sup> No original: „Wir ahnen bereits, daß die gegenseitige Bindung der Massenindividuen von der Natur einer solchen Identifizierung durch eine wichtige affektive Gemeinsamkeit ist“. In: FREUD, Sigmund. *Massenpsychologie und Ich-Analyse* (Parte VII: Die Identifizierung). Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/934/1>; acesso em: 27 Jul. 2012.

<sup>7</sup> SCHEUBLE, Verena; WEHNER, Michael. Fußball und nationale Identität. *Der Bürger im Staat*, n. 1, 2006. In: [http://www.buergerimstaat.de/1\\_06/identitaet.htm](http://www.buergerimstaat.de/1_06/identitaet.htm); acesso em: 10. Ago. 2012.

<sup>8</sup> No original: “Wenn die Individuen in der Masse zu einer Einheit verbunden sind, so muß es wohl etwas geben, was sie aneinander bindet, und dies Bindemittel könnte gerade das sein, was für die Masse charakteristisch ist“. In: FREUD, Sigmund. *Massenpsychologie und Ich-Analyse* (Parte II: Le Bons Schilderung der Massenlehre). Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/934/1>; acesso em: 27 Jul. 2012.

<sup>9</sup> PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. *Varia Historia*. Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 309, Jul. 2005.

<sup>10</sup> SCHEUBLE, Verena; WEHNER, Michael. Fußball und nationale Identität.

<sup>11</sup> No original: „Das magische Jahr, in dem diese deutsche Fußballnation geboren wurde, war das Jahr 1954. Damals, als das deutsche Nationalbewußtsein offiziell noch Funkstille hatte, durfte man sich zum ersten Mal wieder lauthals über einen deutschen Sieg freuen“. In: KASAREK, Helmuth. Fußball – Lieblingsspielzeug der Nation. *Der Spiegel*, n. 21, 1978, p. 115.

<sup>12</sup> No original: „Der Fußballrasen entpuppte sich als ideales Vertagungsfeld nationaler Leidenschaften. Hier war das Jubeln, Fahenschwenken, Sprechhorschreien nie in Gefahr, dem alten deutschen Adam angelastet zu werden. Denn, erstens, schreien die anderen genauso. Und, zweitens, geht es doch um eine harmlose und folgenlose Sache, nach zwei mal fünfundvierzig Minuten erledigt, deren stolzes fortwährendes Wiederkäuen schließlich niemanden bedroht“. In: KASAREK, Helmuth. Fußball – Lieblingsspielzeug der Nation, p. 115-116.

<sup>13</sup> PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações, p. 312.

<sup>14</sup> No original: „Das merkwürdigste und zugleich wichtigste Phänomen der Massenbildung ist nun die bei jedem Einzelnen hervorgerufene Steigerung der Affektivität (»*exaltation or intensification of emotion*«)“. In: FREUD, Sigmund. *Massenpsychologie und Ich-Analyse* (Parte III: Andere Würdigungen des kollektiven Seelenlebens). Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/934/1>; acesso em: 27 Jul. 2012.

<sup>15</sup> KÖHLER, Oliver. Sport und seine Bedeutung. Ein Interview mit Dr. Wolfgang Behringer.

<sup>16</sup> SCHULZE-MARMELING, Dietrich. Die Geschichte der FIFA-Fußballweltmeisterschaft. *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*. Bonn, 19/2006, 08 Mai. 2006, p. 12.

<sup>17</sup> SCHEUBLE, Verena; WEHNER, Michael. Fußball und nationale Identität.

<sup>18</sup> EHRHART, Hans-Georg. Fußball und Völkerverständigung. *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*. Bonn, 19/2006, 08 Mai. 2006, p. 19.

<sup>19</sup> AZOUBEL NETO, David. *O futebol como linguagem: da mitologia à psicanálise*. Ribeirão Preto-SP: FUNPEC-Editora, 2010, p. 159.

<sup>20</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, dez. 1993, p. 7.

<sup>21</sup> KEMPER, Franz-Josef. Der Deutsche Sportbund und das Friedensengagement seiner Sportler. In: LIENEN, Ewald et al. (org.). *Oh!Lympia*. Sport, Politik, Lust, Frust. Berlin: Elefant Press, 1983, p. 170.

<sup>22</sup> PFISTER, Gertrud. Fußball als Erinnerungsort. In: ADELMANN, Rolf; PARR, Rolf; SCHWARZ, Thomas (org.). *Querpässe: Beiträge zur Literatur-, Kultur- und Mediengeschichte des Fußballs*. Heidelberg: Synchron, 2003, p. 31.

<sup>23</sup> BRÜGGEMEIER, Hans-Josef. Anfänge des modernen Fußballs. *Informationen zur politischen Bildung*. Bonn, n. 290, edição „Fußball – mehr als ein Spiel“, 1. Quartal 2006, p. 9-10.

<sup>24</sup> BRÜGGEMEIER, Hans-Josef. Anfänge des modernen Fußballs, p. 9.

<sup>25</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Sobre as origens do Futebol na Alemanha. In: HOLLENSTEINER, Stephan; KAUFMANN, Göz (org.). *Pequeno Dicionário do Futebol Alemão*. ed. bilíngue, Rio de Janeiro: DAAD, 2006, p. 3-4.

<sup>26</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Sobre as origens do Futebol na Alemanha, p. 9.

<sup>27</sup> CORNELSEN, Elcio Loureiro. Esporte e Discurso Totalitário: os Jogos Olímpicos de Berlim e o discurso nazista na imprensa. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003, p. 319-320.

<sup>28</sup> BACHARACH, Susan D. *The Nazi Olympics*: Berlin 1936. Boston; New York; London: Little, Brown and Company, 2000, p. 92.

<sup>29</sup> BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. Entwicklung zum Volkssport. *Informationen zur politischen Bildung*. Bonn, n. 290, edição „Fußball – mehr als ein Spiel“, 1. Quartal 2006, p. 16.

<sup>30</sup> HAVEMANN, Nils. *Fußball unterm Hakenkreuz*. Der DFB zwischen Sport, Politik und Kommerz. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2005, p. 465.

<sup>31</sup> BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. Juden im deutschen Fußball. *Informationen zur politischen Bildung*. Bonn, n. 290, edição „Fußball – mehr als ein Spiel“, 1. Quartal 2006, p. 24.

<sup>32</sup> BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. Entwicklung zum Volkssport, p. 16.

- <sup>33</sup> BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. Das „Fußballwunder“ von 1954. *Informationen zur politischen Bildung*. Bonn, n. 290, edição „Fußball – mehr als ein Spiel“, 1. Quartal 2006, p. 32.
- <sup>34</sup> BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. Entwicklung zum Volkssport, p. 22.
- <sup>35</sup> KASZA, Peter. *Fußball spielt Geschichte: Das Wunder von Bern 1954*. Berlin-Brandenburg: be, bra-Verlag, 2004, 2010, p. 186-187.
- <sup>36</sup> RAITHEL, Thomas. *Fußballweltmeisterschaft 1954 – Sport – Geschichte – Mythos*. München: Bayerische Landeszentrale für politische Bildung, 2004, p. 55.
- <sup>37</sup> *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. D-Ausgabe, p. 1, 5 Jul. 1954.
- <sup>38</sup> BRAUN, Jutta; WIESE, René. DDR-Fußball und gesamtdeutsche Identität im Kalten Krieg. *Historical Social Research*, v. 30, n. 4, 2005, p. 191-192.
- <sup>39</sup> BRAUN, Jutta; WIESE, René. DDR-Fußball und gesamtdeutsche Identität im Kalten Krieg, p. 197.
- <sup>40</sup> UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 209.
- <sup>41</sup> CARDOSO, Maurício. *Os arquivos das Olimpíadas*. São Paulo: Panda Books, 2000, p. 561, 584, 598, 612.
- <sup>42</sup> SCHEUBLE, Verena; WEHNER, Michael. Fußball und nationale Identität.
- <sup>43</sup> Esse é um termo muito polêmico, quando se trata da reunificação alemã, pois ele reverbera a “anexação” – *Anschluss*, no jargão nazista – ocorrido em 1938 com a Áustria. Politicamente correto, costuma-se falar no ingresso dos antigos estados da RDA na jurisprudência da Lei Fundamental (*Grundgesetz*) da RFA. De fato, não houve uma espécie de “terceira via”, com a promulgação de uma nova Constituição. Pois a Constituição da Alemanha unificada é a mesma da antiga Alemanha Ocidental. Portanto, na chamada “República Berlinense” (*Berliner Republik*), houve, em parte, a continuidade da política de Bonn, tanto no que diz respeito à ordem econômica, quanto à estrutura constitucional e democrática, as quais contribuíram para manter a estabilidade do processo de reunificação do país. Entretanto, algumas mudanças ocorreram: a Alemanha unificada deixou de ter um papel marginal no conflito entre os blocos ocidental e oriental, tornando-se centro da União Europeia e assumindo tarefas e responsabilidades advindas dessa nova posição.
- <sup>44</sup> SCHLIE, Ulrich. „Behausungen des Menschen in einer unbehausten Welt“. *Nation und Europa in der deutschen Geschichte*. *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*. Bonn, 39/2004, 20 Set. 2004, p. 30.
- <sup>45</sup> SCHLIE, Ulrich. „Behausungen des Menschen in einer unbehausten Welt“. *Nation und Europa in der deutschen Geschichte*, p. 31.
- <sup>46</sup> BRAUN, Jutta; Wiese, René. DDR-Fußball und gesamtdeutsche Identität im Kalten Krieg, p. 209.
- <sup>47</sup> BAHRMANN, Hannes; LINKS, Christoph (org.). *Chronik der Wende*. v. 2, 2. ed., Berlin: Ch. Links, 1995, p. 263.
- <sup>48</sup> MAIER, Gerhart. *Die Wende in der DDR*. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 1991, p. 132.
- <sup>49</sup> No original: „Dann sind wir auf Jahre hinaus nicht zu besiegen, das tut mir leid für den Rest der Welt“. Citado por Gökalp Babayigit. In: BABAYIGIT, Gökalp. Sommerloch 1990 – Als die D-Mark über die Grenze rollt. *Süddeutsche Zeitung*, 17 Ago. 2007. Disponível em: <http://www.sueddeutsche.de/panorama/sommerloch-als-die-d-mark-ueber-die-grenze-rollt-1.765560>; acesso em: 26 Jul. 2012.
- <sup>50</sup> GERHARDS, Jürgen; MUTZ, Michael. WM-Fieber Wer hat Angst vor Schwarz-Rot-Gold? *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. In: <http://www.faz.net/themenarchiv/sport/wm-2010/wm-fieber-wer-hat-angst-vor-schwarz-rot-gold-11011877.html>; acesso em: 10 Ago. 2012.
- <sup>51</sup> GERHARDS, Jürgen; MUTZ, Michael. WM-Fieber Wer hat Angst vor Schwarz-Rot-Gold?
- <sup>52</sup> GERHARDS, Jürgen; MUTZ, Michael. WM-Fieber Wer hat Angst vor Schwarz-Rot-Gold?
- <sup>53</sup> No original: „[...] ein Loch ins deutsche Selbstbewusstsein. Die Psyche der Nation war gebrochen“. In: KASZA, Peter. *Fußball spielt Geschichte: Das Wunder von Bern 1954*, p. 35.
- <sup>54</sup> *Deutscher Fußball-Bund. Infobrief*, n. 2/04, p. 1, Out. 2004.
- <sup>55</sup> No original: „Im Sport werden die soziokulturellen Grundlagen der Gesellschaft, ihre Wertvorstellungen, Umgangsformen und sozialen Netze permanent revitalisiert. Darüber hinaus schafft er eine Vielzahl und Vielfalt an Gelegenheiten zur Mitentscheidung und -gestaltung und trägt somit zur sozialen Integration von benachteiligten Menschen und mittels Symbolen, Ritualen und Inszenierungen zum gesellschaftlichen Zusammenhalt bei (erinnert sei etwa an den Fähnchen schwenkenden Party-Patriotismus bei der Fußball-WM 2006). Und der Bedarf an der Beteiligung dieser Ressourcen wächst angesichts der aktuellen gesellschaftlichen Herausforderungen.“ In: KÜCHENMEISTER, Daniel; SCHNEIDER, Thomas. *Sport ist Teilhabe!*, p. 6.
- <sup>56</sup> GERHARDS, Jürgen; MUTZ, Michael. WM-Fieber Wer hat Angst vor Schwarz-Rot-Gold?
- <sup>57</sup> No original: „Der lange Schatten der Geschichte lässt sich durch einen kurzen Sommer der Fußballeuphorie nicht beeindrucken“. In: GERHARDS, Jürgen; MUTZ, Michael. WM-Fieber Wer hat Angst vor Schwarz-Rot-Gold?
- <sup>58</sup> PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações, p. 316.
- <sup>59</sup> No original: „Es gibt Ideen und Gefühle, die nur bei den zu Massen verbundenen Individuen auftreten oder sich in Handlungen umsetzen. Die psychologische Masse ist ein provisorisches Wesen, das aus heterogenen Elementen besteht, die für einen Augenblick sich miteinander verbunden haben.“ citado por FREUD, Sigmund. *Massenpsychologie und Ich-Analyse (Parte II: Le Bons Schilderung der Massenlehre)*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/934/1>; acesso em: 27 Jul. 2012.
- <sup>60</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 174-175.

- <sup>61</sup> SCHMIDT, Sascha. *Neuer Patriotismus und nationale Identität in Deutschland im Jahr der Fußball-WM 2006*. München: GRIN Verlag, 2007, p. 4.
- <sup>62</sup> No original: „[...] Der Held im Fußball ist eine Verkörperung von nationalen Mythen. Von einer deutschen Nationalmannschaft erwartet man Opferbereitschaft, Diszipliniertheit, Fleiß, Kampf bis zum Schlußpfiff. [...]“ In: GEBAUER, Gunter. Nationale Repräsentation durch Fußball. In: ADELMANN, Rolf; PARR, Rolf; SCHWARZ, Thomas (org.). *Querpässe: Beiträge zur Literatur-, Kultur- und Mediengeschichte des Fußballs*. Heidelberg: Synchron, 2003, p. 20.
- <sup>63</sup> SCHMIDT, Sascha. *Neuer Patriotismus und nationale Identität in Deutschland im Jahr der Fußball-WM 2006*, p. 5.
- <sup>64</sup> No original: „Jede Gesellschaft entwickelt Idealvorstellungen über sich selbst. Die Tätigkeit der sozialen Imagination gehört zu den Mechanismen, die ihr in einem unablässigen Prozess der Erneuerung Bestand geben.“ In: GEBAUER, Gunter. *Poetik des Fußballs*. Frankfurt a.M.: Campus Verlag, 2006, p. 104.
- <sup>65</sup> Encarte do CD. *Danke* (Single). Naidoo Records, 21 Jul. 2006.
- <sup>66</sup> Informação disponível no site da *Deutscher Fußball-Bund*. In: <http://training-wissen.dfb.de/index.php?id=508622>; acesso em: 26 Jul. 2012.
- <sup>67</sup> Encarte do CD. *Was wir alleine nicht schaffen* (Single). Naidoo Records, 03 Nov. 2006.
- <sup>68</sup> Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=sglBa9dRfv8>; acesso em: 22 Ago. 2012.
- <sup>69</sup> Cf. [http://www.youtube.com/watch?v=9A3Y8y\\_hTQs](http://www.youtube.com/watch?v=9A3Y8y_hTQs); acesso em: 22 Ago. 2012.
- <sup>70</sup> No original: „[...] Fußball ist heute ein Ort des Glaubens und der Kulte. Eine Fußball-WM organisieren heißt: einen Raum der Verehrung und der Imagination aufspannen. Beim Weltcup kann man im Medium des Fußballs ohne Komplexe an die eigene Nation glauben.“ In: GEBAUER, Gunter. *Poetik des Fußballs*, p. 133.
- <sup>71</sup> No original: “[...] dass die Deutschen, um es einaml salopp zu sagen, mit diesem ‚schwierigen‘ Vaterland inzwischen ganz gut zurechtkommen. [...]“ In: FUHR, Eckhard. Was ist des Deutschen Vaterland? *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Beilage zur Wochenzeitung *Das Parlament*. Bonn, 1-2/2007, 02 Jan. 2007, p. 3.
- <sup>72</sup> PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações, p. 318.